



pt Reflexão Anti-Colonialismo Anti-Capitalismo

A situação iraniana

AN Original

Sem dúvida que o fascismo teocrático do regime iraniano é atualmente um dos piores. Várias razões explicam as atuais revoltas iranianas contra a máquina da morte no Irão. Com a revolução de 1979, os islamitas(...)

Por Pirouz Eftekhari



en Reflection Anti-Capitalism Anti-Colonialism Anti-Heteropatriarchy

How Right-wing Populists use Behavioral Psychology to Mobilize Voters: A Social Identity Theory perspective

AN Original - UNPOP Series

Populist parties and leaders are becoming increasingly popular all around the world. Populist leaders use several tactics to mobilize specific groups, especially within the right-wing. Charismatic leaders mobilize(...)

By Nicky Huijboom, Clara Margaça, Lisete Mónico



pt Reflexão Anti-Colonialismo Anti-Capitalismo

Jovens dentro e fora do jogo

AN Original

Ao propormos uma reflexão sobre a educação de jovens, compreendemos que quanto mais se articula o conhecimento perante o mundo globalizado, mais os estudantes se sentirão desafiados a buscar respostas e, (...)

Por Marcos Antonio Batista da Silva



Facebook Twitter YouTube RSS

Centro de Estudos Sociais Tel +351 239 855 570
Colégio de S. Jerónimo Fax +351 239 855 589
Apartado 3087
3000-995 Coimbra, Portugal aliceneWS@ces.uc.pt



A situação iraniana

AN Original

2023-02-15

Por Pirouz Eftekhari

Sem dúvida que o fascismo teocrático do regime iraniano é atualmente um dos piores. Várias razões explicam as atuais revoltas iranianas contra a máquina da morte no Irão. Com a revolução de 1979, os islamitas criaram gradualmente uma economia de pilhagem sistemática das receitas de petróleo e até de bens pessoais, e articularam-na com o terrorismo/jogo de dominação (nomeadamente americano) no Médio Oriente. As instituições religiosas, sob comando do filho do Khamenei (o «Senhor Mojtaba», gerente de desvios colossais que investe, dentre outros, nos casinos ocidentais), possuem 10% do total da economia do Irão e pagam apenas 0,008% do conjunto de impostos! Uma parte dos rendimentos é investida no terrorismo médio-oriental. Um terço da economia iraniana passa pelo contrabando (semelhante à situação nigeriana articulada com a dominação). A economia de pilhagem baseia-se sobretudo no banditismo bancário e no mercado paralelo (de todos os bens ocidentais e orientais), nos desperdícios da fabricação da bomba nuclear (com a ajuda dos russos), no armamento e no crescimento das forças de repressão.



A grandma and her grandchild watching "Nowruz" ceremony.

O povo iraniano vê-se agora à beira do abismo, desejoso de construir a liberdade e de escapar a uma situação insustentável: oficialmente uma inflação de 40%, mas no setor do capitalismo predial, a inflação conhece subidas explosivas. O preço médio de uma casa no centro de Teerão atinge 2375€/m² e 575€ na última periferia da cidade. Enquanto um operário começa a ganhar 50€/mês e o salário médio de um funcionário é 175€/mês (o limiar da pobreza é estabelecido em 375€. 65% de 85 milhões iranianos se encontra sob a linha da pobreza). Com efeito, o problema da habitação no Irão é gravíssimo. A imigração dos camponeses e a expansão dos bairros da lata criou milhões de sub-humanos, condicionados em parte pela droga distribuída pelos *passedaranes* (organização militar, braço do poder/monopolizador da quase totalidade dos setores económicos). Em troca, compram os filhos de toxicodependentes para os vender. Os sub-humanos dormem até nos túmulos, milhares de crinaças encontram-se abandonadas, à procura de comida no lixo. Houve o caso muito conhecido de dois meninos que se alimentavam do leite de uma cadela!

A este caos corresponde a queda diária do poder de compra. Em 1979, 1 dólar valia 7 tomanes, hoje vale 44.000 (uma subida de 10% só no último mês; os preços seguem). A moeda perdeu 95% do seu valor em 42 anos. A dependência económica traduz-se no investimento no primeiro setor da economia mundial: armamentos. O aumento do desemprego é assustador. Segundo o ministério do trabalho, 2020 criou 1.5 milhões de desempregados. As mulheres são particularmente vítimas do desemprego (1.000.000 de mulheres perderam emprego em 2020).

30 companhias estatais devoram as receitas do país. O desastre tem outros aspetos. A seca severa de 90% do país e o aparecimento de fenómenos ecológicos mortais. A poluição em Teerão e em várias outras cidades mata. É a consequência da utilização de petróleo não refinado como combustível, na produção de eletricidade e em indústrias por negligência na produção de gás natural (o Irão dispõe da segunda reserva mundial de gás). A água é desviada em todos os lados; as fontes e os rios secaram. Em Teerão (com mais de 20 milhões habitantes) e Esfahan vai faltar água potável dentro de 3 meses. A desertificação está a roer Irão! Apareceram buracos com quilómetros de diâmetro e profundidade, em todos os lados. Os gases da lixeira não tratada, perto de Teerão, são considerados como um dos mais importantes fatores da poluição atmosférica, uma das causas principais do desregulamento climático. Kaveh Madani, especialista do meio ambiente, mundialmente conhecido (foi vice-presidente da Assembleia do Meio Ambiente da ONU; vice-ministro iraniano da Proteção do Meio Ambiente, foi acusado de espionagem e fugiu do Irão) declara numa entrevista à www.radiofardo.com (10/10/2022): «Em conjunto, a situação da água e do meio ambiente degrada-se cada vez mais no Irão. Pode-se dizer que um desabamento terá lugar e será uma parte do desmoronamento repentino de uma parte do sistema, influenciando outros setores». É a situação criada pela «Republica islâmica»!

«Pobreza, corrupção, inflação: Iremos até à queda do regime!», gritam os manifestantes. A repressão brutal alastra-se; há campos de concentração e múltiplas prisões clandestinas. Evine, o terrível campo de concentração e de torturas dentro de Teerão é notoriamente conhecido. Execuções e assassinatos continuam. Em Qarchac, perto de Teerão, 2.000 revoltadas são ensardinadas numa prisão para 200! As testemunhas afirmam que o espaço cheira a fossa, não há equipamentos sanitários básicos, não há aquecimento, as prisioneiras passam fome, são frequentemente violadas e pedem a familiares para lhes fornecer pílulas de contraceção.

Os rebeldes de hoje gritam todos os dias: **«40 anos de crime! Morte a este regime!».**

A gestão do país continua no beco sem saída que criou o Xá, causando o desmoronamento das estruturas sociais e culturais, um sistema que atingiu a fase de apodrecimento. A situação é comparável ao Afeganistão, mas sobretudo com a Nigéria ou Angola, articulada com a geopolítica ocidental. Há hoje sinais da preparação da fuga dos dirigentes iranianos que estão a organizar a venda de prédios, bens administrativos e públicos!

Antes de 1979 o Irão produzia 2.5 milhões barris de petróleo por dia, com uma população de 35 milhões, hoje, com bloqueios americanos, exporta menos de 1 milhão de barris/dia. Vários portos clandestinos no Golfo Pérsico servem para a exportação clandestina de petróleo e armamentos (destinados aos terroristas do Médio Oriente, *hezbollah* de Líbano, Iémen, Síria, Iraque, Palestina). Quem paga o preço de violações e destruições são os povos com a sua vida; e, em última análise, a situação fortalece as conquistas israelitas.

Já não é o *Big Brother* americano que manda no Irão. O maior mercado do petróleo iraniano é atualmente a China que retém 30 bilhões de dólares de dívidas do Irão e em troca paga com produtos de má qualidade, enfraquecendo a pequena indústria iraniana. Os laços do Irão com a Rússia não são

menos colonialistas. Em cumplicidade com a Rússia, o *Qodse*, forças de intervenção no estrangeiro, criado pelo Khamenei, interveio de diversas maneiras no terrorismo regional, na criação do Al-Qaida e do *hezbollah* libanês, sírios, iraquianos, iemenitas, etc. Por sua vez, os *passedaranes* exercem um despotismo sanguinário no Irão.

Doravante, é a Rússia que fala em vez do Irão nas negociações nucleares. Com consentimento russo, Israel bombardeia regularmente as bases das forças iranianas na Síria. A verdade é que o Irão tornou-se numa espécie do laçao passivo da Rússia; participou na guerra da Ucrânia com *drones* e em troca os russos mandam especialistas antimotim para Teerão para reprimir mais brutalmente a rebelião. Há o perigo do Irão se tornar o palco de conflitos russo-americanos, como na Ucrânia. Israel ameaçou constantemente bombardear o Irão.

O Ocidente está hoje, de facto, do lado do povo iraniano, uma vez que o pacto de lalta da partilha do mundo entre Estados-Unidos/Europa e a Rússia está a ser rasgado e o Irão saiu oficialmente da dominação ocidental. Com as revoltas atuais, o Ocidente deu luz verde à diáspora iraniana (mais de 8 milhões) para acentuar o isolamento do regime. Não foi ineficaz: com a tutela jurídica dos presos políticos pelos parlamentares ocidentais, a máquina da morte do regime abrandou ligeiramente. É importante salientar que a dominação ocidental está a preparar uma alternativa para o Irão, um povo considerado incapaz de se liderar e libertar, promovendo o filho do Xá, na perpetuação da aristocracia de *vassalidade*.

As revoltas iranianas têm avanços e recuos. São dirigidas em parte pelo movimento estudantil que acumulou, desde o tempo do Xá, experiência de confronto (milhares de estudantes são, há décadas, perseguidos, condenados, executados ou assassinados). «Os jovens dos bairros» organizam hoje a rebelião em coordenação com as greves esporádicas de vários setores, sobretudo o petrolífero, o que pode paralisar seriamente o regime. Os jovens constituam núcleos potencialmente capazes de constituir uma nova liderança, ao lado dos intelectuais, escritores, advogados/as, jornalistas, docentes, artistas, cantores, desportivos, etc., todos/as presos/as. Pela primeira vez, apareceram intelectuais do povo, longe das elites consumidoras da ocidentalização. A rebeldia vai por vezes no caminho da guerrilha urbana contra forças de repressão (por exemplo, incendiaram a sede de forças de intervenção).

A presente cultura global condicionou positivamente as atuais revoltas, como também foi o caso do Egito e da Tunísia, na Primavera Árabe. Todavia, as classes mais pobres, não dispendo de Internet, parecem pouco envolvidas. A rebelião das mulheres de classe média é na sua maioria moldada pela cultura global. Desde há um ano, desafiando as proibições religiosas, desvelaram-se e hoje dançam e cantam nos protestos. O véu é o símbolo da autoridade teocrática, o sinal da soberania do regime incapaz de subjugar os jovens, ultrapassado por um mundo totalmente transformado. A religiosidade devota está a desaparecer do palco social, não é evocada nas revoltas. Na construção da liberdade, e perante a corrupção e perversão dos homens do regime, corrupção e anomia social, as mulheres iranianas gritam todos os dias contra as forças de repressão: «**Tu és perverso! Tu és corrupto! Eu sou a mulher livre!**».

A mensagem universal/laica contra o fascismo: **Mulher/vida/liberdade** está a desenhar, se o Irão se conseguir salvar do abismo, o horizonte de um futuro possível para todos e para os sub-humanos. Em resposta a homens que cantam o slogan «Mulher/vida/liberdade!», as mulheres respondam com o slogan (ignorado por todos fora do Irão): «**Homem, pátria, desenvolvimento!**».



EPISTEMOLOGIAS
DO SUL



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



1290
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Ciência e a Inovação



Universidade de
Coimbra - Ano e data
inscrito na Lista do Património
Humano em 2013



How Right-wing Populists use Behavioral Psychology to Mobilize Voters: A Social Identity Theory perspective

AN Original - UNPOP Series

2023-01-30

By Nicky Huijboom, Clara Margaça, Lisete Mónico

Populist parties and leaders are becoming increasingly popular all around the world. Populist leaders use several tactics to mobilize specific groups, especially within the right-wing. Charismatic leaders mobilize in-group favoritism. In turn, voters find the views of right-wing populists refreshing and regard their nationalistic politics as a way of 'taking back control' from the current democratic government. Populist successes such as Brexit and the victories of Bolsonaro and Trump illustrate the sudden global increase of populist voters, with all these events happening within the last years (2016-2022). In The Netherlands, the Party For Freedom was the third political force in the last [legislative elections of 2021](#). But how can this rapid right-wing success be explained?



Populism is a political approach that strives to appeal to ordinary people who feel that their concerns are disregarded by established elite groups. Populism has a left- and a right-wing. The left-wing focuses on anti-capitalism, social justice, and anti-globalization. The right-wing, however, focuses on advocating anti-immigrant, nationalist/chauvinist, racism, and anti-establishment attitudes. The mobilization of voters through behavioral psychology is relevant for the entire scope of populism. But because right-wing populism is known for more extreme ideas and has had a recent increase in popularity, this article will focus on right-wing populism. The definition of populism as a movement that emphasizes ideas of 'us' versus 'them' (ingroup vs. outgroup), does little justice to the complex lengths populists go through to reach popularity. Politics in every country consist of two sides: the supply-side (political landscape, parties) and the demand-side (voters). Social psychology helps explain the increase in populist demand. Emotions are central to the understanding of the articulation between party politics and political deliberation and behavior. Fear, hate, and anger are the most studied emotions, as well as insecurity, sorrow, distress, and resentment. Nonetheless, political scientists and social psychologists have been studying the fact that populism may be mobilized by positive emotions as well, like pride, admiration, and contentment, among others. The supply-side uses psychological processes to influence emotions of voters. Social behavior is positioned along a continuum between interpersonal and intergroup behavior. Groups are perception units which essential functions are to identify and, in some situations, manipulate individuals. The Social Identity Theory describes how psychological processes can influence voting behavior.

The Social Identity Theory explains how individuals create and define their place in society, since they tend to classify themselves and others into several social categories. According to the Social Identity Theory, intergroup conflict begins with a process of comparison between subjects of ingroup and outgroups. This happens through three psychological processes.

First, people automatically place themselves in groups through social categorization. Groups are based on, amongst other, gender, race, organizational membership, social status, and religious affiliation. Every individual is part of various social groups that are in contrast with other social groups. Populist leaders spread their anti-immigrant, nationalist, and anti-establishment views through statements and speeches that strengthen emotions and the idea of an in-group. Populist leaders frequently distinguish between the "real" people and other groups within the country.

This automatic in- and out-group thinking causes the second psychological process: a strong sense of social identity with the in-group. This sense of identity is divisive and exclusive. Someone either belongs or does not. Still, social identity is also highly context dependent. This means that someone can identify with different groups in different situations. The groups that populist leaders refer to are often easy to relate to (such as 'normal civilians'), thus making it easy for voters to identify with the political agenda of populist parties. Moreover, populist leaders position themselves as 'political outsiders' to win over voters. For example, Duterte, the former president of the Philippines, used to swear in congress in order to outline his stylistic differences from other politicians. He did so to uphold his symbolic role as a political outsider, which made him relatable to the 'normal citizens' and different from what he identified as the 'corrupt elite'.

The third psychological process is social comparison. Social comparison has two aspects. Firstly, people inevitably evaluate their groups' status and strive for a positive social identity. This plays into positive emotions of voters. People strive to attain a positive outcome through favorable social comparisons with other groups, as a means of enhancing self-esteem and positive emotions like pride. Because individuals often find their own group superior, they tend to ascribe merely positive characteristics to their own group, while ascribing negative characteristics to other groups. Individuals see their group identity through such a positive light that negative aspects are ignored. This creates an easy gateway for populist politicians to confirm and strengthen group identities. For example, in the Netherlands, populist leader Geert Wilders spreads stereotypes about Muslims to mobilize voters to reduce immigration. He claims that Muslims have no morals and do not fit in the free Dutch society because they reject homosexuality and deny women of their rights. Dutch Muslims are used as a scapegoat to make Dutch populist voters feel better about their group identity. They interpret these stereotypes as a compliment to themselves (they are free minded and accepting) and as negative for Muslims (they deny people of their rights). This example shows how populist leaders can mobilize voters by spreading hate about other groups.

Besides striving for a positive social identity, a second part of social comparison are feelings of relative deprivation. This plays into negative emotions. Perceived in-group disadvantage might stimulate increased collective action aimed at changing in-groups' undesirable circumstances. Populist leaders

often play into this by comparing the groups' position to other groups in history. For instance, Donald Trump was an expert at using the effect of perceived deprivation to his advantage. His slogan 'Make America Great Again' made voters feel deprived compared to their own position in the past. Furthermore, his statements about Mexican immigrants fueled feelings of deprivation towards a 'less deserving' group. According to research, identity threat caused by inter-group comparison and hateful emotion is a crucial variable to explain why people feel attracted to populist ideas.

Even though populist parties are still enjoying a general increase in voters, many parties experienced a decrease in supporters during the COVID-19 pandemic. Right-wing populists gained more extreme supporters during the COVID-19 lockdowns, but also lost many voters because, in some cases, populist leaders were considered less trustworthy during the global crisis. The pandemic created a sense of shared purpose in countries, thus undermining the in-group attitudes of the Social Identity Theory that populist parties tend to depend on.

Individuals are intrinsically motivated to achieve positive distinctiveness, so, they strive to achieve or to preserve positive social identity. Identification to a group prompts the person to take part, and derive gratification from, accomplishments consistent with the identity, to view him or herself as a group member. The three psychological processes of the social identity theory can help clarify the success of populism. These processes, above explained, are social categorization, a strong sense of self-identification with the in-group, and social comparison between different groups. Populist leaders are able to play into these three psychological processes and emotions and do so to mobilize voters.

Nicky Huijboom - Nicky Huijboom studies Pedagogical Sciences at the University of Utrecht and is currently completing her minor in Psychology at the University of Coimbra. For her bachelor thesis she studied the bias of teachers towards students from different educational levels. In Coimbra, Nicky Huijboom is part of "UNPOP: Dismantling Populism: Comparing the formation of emotion narratives and their effects on political behavior".

Clara Margaça - Has a doctorate from the University of Salamanca, where she is currently a Margarita Salas researcher. She conducts inter and transdisciplinary research on entrepreneurial intentions, entrepreneurship, sustainability and its relationship with psychological variables. Her research interests include positive psychological capital, emotions, social enterprises, spiritual mindsets, psychological resilience, and education for sustainable development. She is the author of several articles in high-impact journals and book chapters in the area of Psychology, Entrepreneurship and Spirituality.

Lisete S. M. Mónico - Assistant Professor at the Faculty of Psychology and Education Sciences of the University of Coimbra, Portugal, Ph.D. in Social Psychology from University of Coimbra, European Diploma of Advanced Studies in Social Psychology (DEEAPS, Università degli Studi di Bari), teaches courses in Research Methods and Social Psychology since 1999. Current Mobility Coordinator and Coordinator of the BSc in Psychology at the Faculty of Psychology and Education Sciences. Member of The Center for Research in Neuropsychology and Cognitive and Behavioral Intervention (CINEICC), dedicates her professional activity to research in the field of Social Sciences. Author of several books, book chapters, and articles in international peer-reviewed journals.



**EPISTEMOLOGIAS
DO SUL**



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Universidades
Ibéricas para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Arte e Ciência
inscriz na Lista do Património
Mundial em 2013



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.

Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.

Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.

Jovens dentro e fora do jogo

AN Original

2023-01-25

Por Marcos Antonio Batista da Silva

Ao propormos uma reflexão sobre a educação de jovens, compreendemos que quanto mais se articula o conhecimento perante o mundo globalizado, mais os estudantes se sentirão desafiados a buscar respostas e, conseqüentemente, serão levados a um estado de consciência crítica e transformadora diante da realidade. Essa relação dialética é cada vez mais assimilada à medida que educadores e estudantes se fazem sujeitos do seu processo de conhecimento.



Imagem: foto do autor

O tema da juventude e educação apresenta-se na agenda das principais universidades e centros de pesquisa, procurando responder aos questionamentos e desafios que emergem de um mundo em transformação. Numa sociedade marcada pela transitoriedade, repleta de sinais confusos, propensa a mudar com rapidez e de forma imprevisível, a escola, a família, o Estado e as demais instituições devem proteger os jovens, bem como cuidar da formação ético-social e profissional, para que eles possam modificar suas biografias e das gerações futuras.

A diversidade social ocupa as escolas pela presença concreta de seus frequentadores: negros, afrodescendentes, indígenas, brancos, adultos, adolescentes, jovens e crianças de diferentes idades. Tendo em vista que o compromisso político da educação é um bem público, a igualdade constitui valor fundamental ao ensino. Nesta direção vale mencionar iniciativas com as da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas que proclamou o período entre 2015 e 2024 como a Década Internacional de Afrodescendentes – Resolução nº 68/237(ONU), que enfatiza a necessidade e urgência

de reforçar a cooperação nacional, regional e internacional em relação ao pleno aproveitamento dos direitos econômicos, sociais, culturais, civis e políticos de pessoas afrodescendentes. Assim como sua participação plena e igualitária em todos os aspectos da sociedade, em defesa de medidas práticas e concretas por meio da adoção e efetiva implementação (inter)nacional de quadros jurídicos, políticas e programas de combate ao racismo, à discriminação racial, à xenofobia e à intolerância correlata enfrentados por afrodescendentes, tendo em conta, entre outros, os jovens.

Nas sociedades contemporâneas, o racismo estrutural e as desigualdades sociais afetam diretamente as trajetórias e oportunidades na vida dos jovens, sobretudo de grupos de jovens racializados. É urgente, e importante ampliarmos os conhecimentos sobre as diferentes realidades juvenis, necessidades insatisfeitas, motivações e subjetividades em curso, especialmente aquelas relacionadas com os jovens pobres, negros e de povos indígenas que mais dificuldades enfrentam para realizar escolhas alternativas e projetos autônomos, é condição necessária para a definição de políticas públicas sintonizadas com os sujeitos e as realidades que se quer transformar. Se por um lado há elementos subjetivos na hora de escolhas profissionais, por outro, há questões objetivas que dificultam esse processo (o racismo estrutural e as desigualdades sociais).

O interesse em discutir acerca de jovens, principalmente os jovens racializados, pressupõe o fato de que tais jovens são mais vulneráveis em suas trajetórias educacionais, assim como nos projetos de vida adulta (os jovens são candidatos em potencial para a educação superior). Vários estudos têm mostrado está preocupação com este segmento da população no que tange ao seu processo de inclusão ou exclusão social da adolescência e da juventude. Em geral, empobrecida na inserção na vida adulta. Isto é, no que tange as condições desfavoráveis socioeconômicas marcam a trajetória desse grupo social e interferem nas opções desses sujeitos, se não cerceando, ao menos limitando seus interesses educacionais e profissionais. As experiências escolares de jovens racializados, em sua grande parte é marcada por discriminação racial e racismo institucional no espaço escolar.

O agravamento das condições de vida de parte ampla da população jovem, em especial, os setores mais vulneráveis, incide diretamente no aumento da sensação de insegurança no presente e das incertezas quanto à vida futura (e presente até – porque estão muito mais expostos). Temos visto que sobre eles têm recaído as principais ações (não necessariamente de políticas públicas), mas muitas vezes de controle social.

No que concerne à temática da educação, propomos pensar a juventude como uma oportunidade que implica tratar os jovens como sujeitos de sua própria história e não como objeto das expectativas dos adultos. Deve ser um processo interacional em que ambos devem contribuir para o crescimento do sujeito. Essa mudança de olhar que supera a visão de jovens como objeto do problema e se firma na visão de jovem como sujeito de oportunidades nos leva a uma perspectiva importante para a ação do sistema educacional, do trabalho e da mobilização da sociedade. É importante também um olhar para outras formas de conhecimento que ocorrem nos diferentes espaços de aprendizagem que não são somente a escola (abrigos, presídios, organizações não governamentais), entre outras, com o objetivo de erradicar as violações de direitos, principalmente aos ligados aos jovens, dentre outros.

Na sociedade contemporânea e diante da desigualdade educacionais de grupos racializados, é cada vez mais necessário, que os integrantes do sistema de ensino, das séries iniciais ao ensino superior dialoguem e valorizem suas histórias e culturas, bem como o poder político, dialogue cada vez mais com os movimentos sociais de base. Sem isso, poderá estar comprometida a própria qualidade da educação democrática. Visto que, ainda persistem grandes diferenciais que colocam os jovens racializados em desvantagem em suas trajetórias educacionais e inserção no mercado de trabalho.

De modo geral, a população racializadas tem várias barreiras que impedem o acesso à mobilidade educacional e social (segurança pública, sistema de saúde, transporte público de qualidade, habitação, emprego). Diante de um cenário de altas taxas de desemprego e precarização do trabalho, como a juventude tem reagido? Hoje, jovens de todas as condições sociais expressam inseguranças e angústias ao falarem das expectativas em relação ao trabalho, no presente e no futuro. O que haveria de comum entre jovens? O que os diferencia? O que têm em comum os jovens que vivem em espaços sociais economicamente valorizados da cidade e aqueles que moram em áreas periféricas? Jovens de diversos gêneros, classes sociais e idades semelhantes? Estamos diante de uma mesma geração quando os sujeitos, em alguma medida, vivenciam espaços e tempos comuns de sensibilidades, saberes, memórias e experiências históricas e culturais.

Um dos grandes desafios democráticos se relaciona com as encruzilhadas que podem ser percorridas para que a participação social se torne objetivo e meta realizável numa sociedade em que tantos jovens se encontram em processo de exclusão econômica e marginalização social. Há indicações de que uma parcela importante dos jovens nas sociedades contemporâneas está, atualmente, experimentando uma série de fragilidades e vulnerabilidades.

Compreendemos que a reconstrução desse panorama possa ocorrer por intermédio da educação, que é percebida como uma esfera fundamental pela possibilidade de promover mudanças nas representações culturais, assim como da inclusão de narrativas de pessoas e/ou grupos historicamente excluídas da produção do conhecimento. Dentro dessa forma de perceber o jovem, é importante situar elementos norteadores para o enfrentamento dos impasses próprios do mundo globalizado, como as novas dinâmicas do trabalho, a educação, a família, a própria juventude e a luta antirracista.

Marcos Antonio Batista da Silva - Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo(PUC-SP). Investigador em pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra (Projeto 725402 - POLITICS - ERC-2016-COG).



**EPISTEMOLOGIAS
DO SUL**



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Universidade de
Coimbra - Alta e Seta
inscrita no Livro do Património
Mundial em 2013



Conteúdos originais licenciados CC BY-SA 4.0 | conteúdos não identificado como original licenciados de acordo com a fonte.

Contenidos originales licencia CC BY-SA 4.0 | contenidos no identificado como original licenciados según la fuente.

Original contents licesed CC BY-SA 4.0 | contents not identified as original licensed according to the source.